

LONGAS TARDES: MOSAICOS FOTOGRÁFICOS DE CRIANÇAS EM ACUPE/BA

MARIA JOSÉ VILLARES BARRAL VILLAS BOAS¹

RESUMO

O trabalho apresenta resultados da pesquisa etnográfica realizada com crianças em Acupe, distrito de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano. Em um ensaio fotográfico composto em pequenos mosaicos, reuni imagens com crianças experimentando a vida, realizando atividades cotidianas diversas nas ruas de sua comunidade, brincando entre si e com os adultos. Parti da seguinte questão: como acontece a construção de si das crianças que vivem em Acupe? Para responder a isso, utilizei como recurso metodológico a fotografia, atentando para a construção de si através das performances e das imagens. A estratégia de pesquisa esteve embasada na interlocução com as próprias crianças, para que elas revelassem a sua experiência de vida dentro do contexto cultural de Acupe, com uma combinação de diferentes estratégias qualitativas de pesquisa, como observação participante, elaboração de diário de campo escrito e fotográfico, entrevistas semi-estruturadas e captura de imagens *in locu*.

PALAVRAS-CHAVE

Ensaio fotográfico; Mosaicos; Recôncavo Baiano; Crianças

LATE AFTERNOONS: PHOTOGRAPHIC MOSAICS WITH CHILDREN IN ACUPE/BA

SUMMARY

The work presents the outcomes of the ethnographic research carried out with children in Acupe, district of Santo Amaro, in the Recôncavo Baiano. In a photographic essay composed in small mosaics, I gathered images with children experiencing life, performing daily activities on the streets of their community, playing with each other and with adults. I started with the following question: how does the construction of the children living in Acupe take place? To answer this, I used photography as a methodological resource, attempting to construct oneself through performances and images. The research strategy was based on the interlocution with the children themselves, so that they would reveal their life experience within the cultural context of Acupe, with a combination of different qualitative research strategies, such as participant observation, writing of the written field diary and Semi-structured interviews and *in locu* images.

KEYWORDS

Photographic essay; Mosaics; Recôncavo Baiano; Children

LONGUES APRÈS-MIDIS: MOSAÏQUES PHOTOGRAPHIQUES AVEC DES ENFANTS EN ACUPE/BA

RÉSUMÉ

Le document présente les résultats d'une étude ethnographique des enfants dans Acupe, quartier de Santo Amaro dans le Recôncavo Baiano. Dans un essai photographique composé de petites mosaïques, de recueillir des photos avec les enfants d'expérimenter la vie, l'exécution de diverses activités quotidiennes dans leurs rues communautaires, jouer avec eux et avec les adultes. Parti à la question suivante: comment la construction d'autres enfants vivant dans Acupe? Pour y répondre, je la photo comme une ressource méthodologique, en

¹ Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (UNIJORGE), licenciada e bacharel em Ciências Sociais com concentração em Antropologia (UFBA), mestre em Antropologia Social (UnB) e doutoranda em Sociologia e Antropologia (UFRJ).

essayant de se construire à travers des performances et des images. La stratégie de recherche a été fondée sur le dialogue avec les enfants eux-mêmes, afin qu'ils révèlent leur expérience de vie dans le contexte culturel de Acupe, avec une combinaison de différentes stratégies de recherche qualitative, comme l'observation des participants, la préparation du champ d'écriture de journal et interviews photographiques, semi-structurés et de capturer des images en lieu.

MOTS-CLÉS

Essai Photo; Mosaïques; Recôncavo Baiano; Enfants

LONGAS TARDES: MOSAICOS FOTOGRÁFICOS CON NIÑOS EN ACUPE/BA

RESUMEN

El trabajo presenta resultados de la investigación etnográfica realizada con niños en Acupe, distrito de Santo Amaro, en el Recôncavo Baiano. En un ensayo fotográfico compuesto en pequeños mosaicos, reuní imágenes con niños experimentando la vida, realizando actividades cotidianas diversas En las calles de su comunidad, jugando entre sí y con los adultos. De la siguiente cuestión: ¿cómo se realiza la construcción de los niños que viven en Acupe? Para responder a eso, utilicé como recurso metodológico la fotografía, atentando para la construcción de sí a través de las performances y de las imágenes. La estrategia de investigación estuvo basada en la interlocución con los propios niños, para que ellas revelasen su experiencia de vida dentro del contexto cultural de Acupe, con una combinación de diferentes estrategias cualitativas de investigación, como observación participante, elaboración de diario de campo escrito y escrito Fotográfico, entrevistas semiestructuradas y captura de imágenes in locu.

PALABRAS CLAVE

Ensayo fotográfico; Mosaicos; Recôncavo Baiano; Niños

O trabalho apresenta parte dos resultados da pesquisa etnográfica realizada em Acupe, distrito de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano². Em um ensaio fotográfico, reuni imagens com crianças experimentando a vida, realizando atividades diversas nas ruas de sua comunidade, brincando entre si e com os adultos. Para elaborar este trabalho, tive em mente a seguinte questão: como acontece a construção de si das crianças que vivem em Acupe? Para responder a isso, utilizei como recurso metodológico a fotografia, atentando para a construção de si através das performances e das imagens. Também foi preciso identificar, primeiramente, quais eram as práticas que definiam as crianças de Acupe. Qual o lugar das crianças naquela sociedade? Com qual olhar elas vêem o contexto em que vivem? Como se dá a aprendizagem naquele lugar? Como aprendiam a fazer o que estavam fazendo? Qual a dimensão de agência e de autonomia desses interlocutores nesse contexto, e o que isso dizia da existência deles? Por fim, o que eles estavam mostrando de si e da comunidade como um todo?

Na antropologia, a noção de pessoa e a construção de corpo são elementos cruciais para entender as sociabilidades. A experiência infantil, e em especial a experiência corpórea das crianças, é também relevante para a fabricação do corpo e de pessoa (COHN, 2013). A busca por entendimento dessas questões de pesquisa foi dada por meio, primordialmente, da interlocução com as próprias crianças, para que elas revelassem a sua experiência de vida dentro desse contexto sociocultural de Acupe. O trabalho foi desenvolvido com a combinação de diferentes estratégias qualitativas de pesquisa, como observação participante, elaboração de diário de campo escrito e fotográfico, entrevistas semi-estruturadas e captura de imagens in locu.

Em Acupe há uma variação de infâncias bem particular, e as crianças não fazem parte de um único grupo homogêneo, mas compõe diferentes noções da criança local, como será exposto nas imagens. Por isso, o conceito de criança a partir do qual realizo a etnografia não condiz com um recorte de idade prévio. Os sujeitos foram se apresentando paulatinamente, à medida que o diálogo com a comunidade ia sendo desenvolvido e eu compreendia melhor os termos locais; e principalmente, o que era ser criança e quem eram esses interlocutores. Percebi, com isso, que há um recorte geracional, e que isso varia muito entre os sujeitos e a família em que estão inseridos.

Adentrando a discussão sobre a opção por este recorte etnográfico e seus desafios, retomo achados de Margareth Mead (1928) em Samoa, bem como Mead e Bateson (1942) em Bali. Ambos realizaram estudos, sob a perspectiva da antropologia cultural, acerca da

² Agradeço a toda comunidade de Acupe, em especial à Associação Cultural Nêgo Fugido, pela disponibilidade contínua em participar da pesquisa. Minha gratidão também à Profa. Dra. Fabiene Gama, e às colegas participantes do grupo de estudos Núcleo de Antropologia Sensorial do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (NuAS) pela contribuição para o desenvolvimento deste trabalho.

formação social de meninos e meninas, garantindo a abertura de um campo de pesquisa sobre infância, crianças e adolescência na antropologia. O comportamento das gerações mais jovens foi observado no intuito de compreender a aprendizagem e a educação nos processos de desenvolvimento humano, relações com o ambiente e efeitos da civilização. Outras investigações baseadas no recorte geracional são tradicionais na antropologia, sendo a própria noção de grupos etários um fator fundamental na abordagem das variadas formas de organização social. A título de exemplo, relembro Monica Wilson (1950), que já apresentava resultados de pesquisa sobre parentesco e grupos de idade entre os Nyakyusa, povo de língua bantu habitante de uma região entre Malawi, Tanzânia e Moçambique. Ela evidenciava como a relação de parentesco e afinidade, as relações políticas e a disposição espacial das casas e das pequenas vilas eram pautadas por uma divisão de grupos por idade, interferindo sobremaneira na organização social daquele povo. Em um contexto mais atual, Clarice Cohn (2013), antropóloga que desenvolve investigações com crianças Xikrin, anuncia que a antropologia que fala de e com crianças, seja qual for a questão etnográfica da investigação, deve ter duas preocupações basilares aqui observadas: qual o lugar da criança no contexto, e o que as crianças pensam e falam sobre ele e sobre si.

Cohn argumenta que existem muitas infâncias dentro da “infância” de um mundo. A saber, há muitas infâncias Xikrin, muitas infâncias brasileiras, ocidentais, etc. Por isso é escorregadio assumir o termo “infância” no singular. Ciente que as gerações e as suas variações internas são socialmente construídas, o mais adequado é lidar com a categoria “criança” a partir de uma perspectiva cultural que não corresponda à faixa etária preestabelecida, mas segundo o contexto de trabalho, articulando a noção êmica percebida durante a pesquisa de campo.

A proximidade com as crianças aconteceu desde as primeiras incursões ao campo de pesquisa em 2011, no âmbito da graduação. A realização do trabalho de campo com a câmera sempre possibilitou a curiosidade dessas interlocutoras, e despertou o interesse em mim. Mantive minha atenção nelas e acompanhei suas participações nas manifestações culturais da cidade, assim como em suas atividades de recreação cotidiana, na realização de algumas tarefas domésticas, nas relações de aprendizagem, nas interações entre pares e intergeracionais. Mantinha-me como podia à altura delas, agachando-me para alcançar, pelo menos fisicamente, seus olhares, suas conversas, e ter um ponto de vista próximo ao das crianças. Tomo como inspiração metodológica o trabalho de Marina Marcondes Machado (2010), pesquisadora com crianças da primeira infância que trabalha a partir do diálogo entre as artes cênicas e a psicologia³. Machado usa o agachamento como método performático do

³ Para a autora, a primeira infância corresponderia ao período entre 0 e 6 anos, que consistiria numa “região da cultura que pode suportar novos elementos, novas regras combinatórias, e essa região seria livre e experimental (*“liminal times and places”*). [...] Um momento não-utilitário de nossa vida,

adulto pesquisador em direção à perspectiva não adulta sobre a vida, um movimento necessário para acessar as culturas das crianças. Em seu site ela escreve que:⁴

*Agachar-se é ir ao chão, ficar de cócoras, estar muito perto de onde a criança pequena está. AGACHAMENTO propõe ao adulto visitante do sítio agachar-se na direção das crianças, propondo a compreensão de um longo caminho de agachadas. Postura boa para brincar, agachar-se é tentar compreender a criança no seu ponto de vista; é fazer reverência ao modo de ser da criança, gesto de proximidade e de começo de alguma coisa... **um agacho!** (grifos da autora).*

Entendendo a criança como performer do cotidiano, as reflexões de Machado (2010) estão aterradas na fenomenologia, na psicanálise e na sociologia da infância aliadas a uma perspectiva antropológica da performance.

A criança é performer de sua vida cotidiana, suas ações presentificam algo de si, dos pais, da cultura ao redor, e também algo por vir; se olhada nesta chave, poderá desenvolver-se rumo à assunção de sua responsabilidade e independência, no decorrer dos primeiros anos de sua presença no mundo. Também sua maneira própria de adequar-se ou não às condutas pré-estabelecidas, seus comportamentos adquiridos, seus referenciais iniciais, podem nos dar pistas acerca daquilo que se nomeou de culturas da infância (MACHADO, 2010, p. 123).

As conclusões da autora levam a crer que a vida da criança é preenchida de teatralidade, e que o ser e o estar criança envolvem um período de experimentações do mundo, centradas na oralidade e nas vivências do corpo. A construção do mundo seria, portanto, polimorfa, onírica e não-representacional (MACHADO, 2010). Uma criança não representa aquilo que vê, mas o vive com intensidade, com todo o seu potencial de aderência às coisas. No cotidiano, o seu pensamento transita entre a realidade e a imaginação com grande fluidez, como no mundo dos sonhos do adulto. O polimorfismo corresponderia ao pensamento que apresenta características fora da lógica adulta, bastante adaptável.

Ampliando esse movimento, percebi em campo que apesar de lidar com crianças de diversas idades, tentar alcançar a altura de seu olhar era uma estratégia favorável a mim na relação com elas⁵. De certa forma, despertava em ambas certa empatia. Ficava mais fácil me relacionar com o que a criança estava fazendo e criava em mim um estado de abertura ao que a criança propusesse: possibilitava a brincadeira e aumentava a sensibilidade ao que

sem “motivação pelo lucro, repleto de potencial para atividade desinteressada” (p. 133). Apesar da proposta se contrapor à noção antropológica de que a categoria “criança” é situacional, não definida a priori, o trabalho colaborou sobremaneira para a realização da pesquisa, principalmente ao inspirar experimentações em termos de métodos.

⁴Disponível em site de Marina Marcondes Machado: http://www.agachamento.com/?page_id=38. Acesso em: julho de 2017.

⁵ Em Acupe, de modo geral, interagi com crianças de várias idades, principalmente entre 8 e 12 anos.

estava sendo dito ou ao que estava sendo escondido ou camuflado. Descentrar o meu olhar de adulta pareceu ser uma condição para ampliação da percepção da inteligibilidade das crianças.

Agachar-me e estar na altura das crianças, realizando atividades e conversando com elas, nem sempre gerava o mesmo impacto nos adultos, ou correspondia ao mesmo tipo de identificação. Muitos responsáveis e pais desconfiavam de minha presença e vinham assistir ao que estava sendo feito, descobrir como eu interagira com elas. Outros esperavam que eu regesse a situação, que eu indicasse o caminho da brincadeira ou interviesse em brigas, que me responsabilizasse pela criança em questão.

Na busca por articular o percurso de pesquisa de campo etnográfica com uma escrita pautada em um descolamento da lógica adulta, tentei também elaborar um diálogo viável entre forma e conteúdo. Assumi mudanças de linguagens, e produzi um ensaio fotográfico em forma de mosaicos.

O ensaio fotográfico está comprometido com a verossimilhança da realidade, mas não corresponde a uma reprodução tal qual. O intuito é construir algo que mostre diversos tipos de infâncias do lugar. Para isso, contei com a estratégia de não dirigir as crianças, para que exercessem algum controle sobre sua própria imagem. “Longas tardes” representa, aqui, o presente etnográfico da pesquisa, momento específico e destacado de uma experiência de campo que guarda a intensidade do encontro etnográfico. Tal período em que há o realce das relações e comportamentos sociais com o grupo interlocutor. Busco construir uma linha narrativa que visa contar sobre desdobramentos dos momentos de encontros etnográficos entre mim e os interlocutores nas fotografias.

Utilizo a metáfora “longa tarde” inspirada na leitura de “A longa tarde de um fauno”, de Acácio Piedade (2010), para trabalhar, através das imagens, com a questão das culturas das crianças em Acupe. Piedade versa sobre desdobramentos artísticos e históricos do mito grego sobre a paixão entre o deus Pã, metade homem metade bode, pela ninfa Syrinx, ao longo dos séculos em uma narrativa que assumiu formas de poema, imagem, música e dança.

A confluência de pessoas e de trocas não se deu somente em um turno do dia, mas ao longo de três meses de vivência conjunta. A experiência de campo, entretanto, não se resume aos poucos meses de estadia contínua na vila de Acupe em 2015; mas ao longo de constantes idas e vindas à comunidade desde o final de 2011, ano em que comecei a fazer a monografia de graduação que se desdobrou em dissertação de mestrado em 2016.

Clifford (2008) afirma que forma e conteúdo antropológico são traduzidos através de alegorias etnográficas. A escrita não só relata situações culturais reais do encontro entre pesquisadora e pesquisada, mas também cria afirmações analíticas profundas que versam sobre outras ideologias e até mesmo outras cosmologias. A etnografia é uma performance com enredo estruturado por histórias. Por conseguinte, este artigo executa a máxima de que

etnografar é criar. O ensaio fotográfico é, portanto, um modo de expressar criativamente uma etnografia visual que pretende apresentar as reflexões etnográficas e contar um pouco dessas histórias. A antropologia com viés interpretativo que busco fazer nada mais é que uma descrição e análise criativa e visual da realidade construída nesses encontros etnográficos. Ela tem a potência de desmitificar a tradição da neutralidade axiológica nas ciências sociais e reconhece a dimensão da criação na construção de narrativas, tipos, observações e descrições etnográficas. Esse fazer “contribui para uma crescente visibilidade dos processos criativos pelos quais objetos culturais são inventados e tratados como significativos” (CLIFFORD, 2008, p.39).

A experiência em campo me convocou a construir uma etnografia que ultrapassasse a linguagem escrita, encorajando-me a falar de um conteúdo etnográfico de outras formas. Assumo a fotografia como forma de descrição etnográfica justamente por compartilhar da perspectiva de Ingold (2008), que em seu trabalho sobre a percepção sensorial identifica que os sentidos da visão, audição e tato ocupam uma posição de destaque no apreender dos seres humanos. Os órgãos dos sentidos são veículos fundamentais de construção de saber de si e do mundo, e a mente e a cognição são outras ferramentas do processo. O autor não vê os sentidos como fruto exclusivamente dos órgãos, mas algo que conecta corpo e mente. Não deprecio contudo, outras formas de expressar conhecimento nem intento estabelecer e julgar hierarquicamente a eficiência de cada linguagem. Reconheço no trabalho etnográfico que realizei e no dia-a-dia em campo que, “para as pessoas que podem ver, a luz é a experiência de habitar o mundo do visível, e que suas qualidades – de brilho e de sombra, tonalidade e cor, e de saturação – são variações dessas experiências” (INGOLD, 2008, p. 21).

Logo, o ensaio presentifica a natureza etnográfica da pesquisa e o desejo de expressar de forma sensível as minhas experiências nas longas tardes vividas junto às crianças acupenses. Para isso, foi elaborado um diário de campo fotográfico das experiências com as crianças. Nos anos anteriores, mesmo sem propósito bem definido, capturei imagens, as cataloguei com datas, sistematizando-as e classificando-as com rubricas como “capoeira”, “pesca”, “empinar pipa”, “Fabiano”, etc. Aproximadamente 266 Gb de memória de imagens, fotográficas e videográficas, passaram por uma decupagem⁶. As câmeras utilizadas foram uma Cannon EOS 1000D, com uma lente zoom de 18-55 mm, com abertura focal de 4.5, (2011 a 2013, no âmbito da graduação), e uma EFS 7D, com uma lente macro objetiva zoom de 18-135mm, com abertura focal de 3.4 (2014 e 2015, durante o mestrado). As escolhas das lentes foram orientadas pela disponibilidade de recursos, principalmente.

Selecionadas as imagens, experimentei conexões e montagens, analisei possibilidades de narrativas, e as submeti ao tratamento de imagem com o programa Adobe

⁶ Nas áreas de audiovisual e comunicação, decupagem é uma seleção sistemática que visa organizar e listar o material audiovisual capturado para uso em edição final.

Photoshop Lightroom 3. O tratamento posterior contribuiu sobremaneira na adaptação das imagens às escolhas estéticas e construção de diálogo entre forma e conteúdo etnográfico. Chamo atenção para o fato de que nada disso aconteceu de forma fluída e sistemática. Oscilações, opções aleatórias, desvios e retornos sem participação da consciência, planejamentos e mudanças de planejamentos, fotografias indo e vindo no caminho também trilhado pela inconsciência. O andamento de um trabalho é sempre muito difícil de acompanhar porque os acontecimentos e reflexões se deslocam no tempo, se espalham por sobre mesas e pastas de arquivo, blocos e cadernos de campo.

As próximas páginas contêm fotografias distribuídas em uma composição imagética disposta em múltiplos e pequenos mosaicos sugerindo tópicos. Tal organização foi inspirada pelos trabalhos fotoetnográficos de Mead e Bateson (1942), Copque (2003), Eichenberger (2011) e Marques (2014), assim como nos ensaios fotográficos de Erwit (1928) e Cravo (2014). O resultado não se configura, entretanto, na reprodução direta do formato exposto por nenhum deles, mas expressa a consequência desse conjunto de influências. A iniciativa consiste na reunião de elementos diferentes de uma cena, fundidos num todo coerente como uma síntese das ideias e percepções etnográficas experimentadas em campo. A fotomontagem tenta oferecer uma noção da multiplicidade de focos e tamanhos que constroem uma cena harmônica e coerente que, vista na sequência de outras, compõe um sentido, um discurso. Os mosaicos conectam pequenas cenas que contam uma história. Com isso não proponho fazer um inventário das práticas sociais das crianças da comunidade, mas apresentar um breve panorama do contexto social e cultural em que elas se inserem. Para dar conta da multiplicidade, alterei tamanhos e formatos das fotografias, conjugando cortes, quebras de linhas do horizonte e mudança de ângulo.

Entre encadeamentos e lacunas, optei por não legendar e enumerar as fotografias por unidade, mas organizá-las como um todo celular identitário que corresponde ao que todas juntas anunciam. Meu objetivo foi mostrar em que medida o conjunto de imagens (A) unidas à escrita (B) pode resultar em interpretações dotadas de significados teóricos, subjetivos e estéticos (C) diferentes aqueles referente a uma ou outra, quando acessadas separadamente. A perspectiva é de que $A + B = C$, e não AB . Nem todos os mosaicos estão legendados, entretanto, mesmo sendo camadas de encontros, reflexões e sentimentos.

As fotografias apresentadas foram editadas em cores para despertar sensações muito específicas. Dias ensolarados, calor excessivo, intensidade de outras percepções como som alto, alta umidade, cheiro adocicado da cana de açúcar misturado à maresia, poeira, terra, peixe e esgoto, que tampouco estão impressos nas fotografias. A percepção indicava interpretações, e as minhas interpretações estão também inscritas no tratamento das imagens. Em campo, reconhecia a vivacidade nos comportamentos, gestos cheios de intensidade em um dia-a-dia experimentado com força. Força para nadar, puxar um barco ou

Longas tardes

uma rede de arrasto, segurar um balde cheio de mariscos, espremer roupas molhadas e dependurá-las no varal. Força para arrancar um pé de cipó de caboclo inteiro da terra, dançar energeticamente ao som dos atabaques numa tarde de performance artística popular. Vozes altas, olhares imperativos e de deferência. A intensidade expressa na alta umidade do lugar, no excesso de temperos de dendê e de pimenta das comidas, nos passos céleres. Movimento e velocidade. Velocidade para correr, para disputar com outras crianças uma pipa partida que voa aleatoriamente até cair ao chão ou prender-se numa laje. Cores. A luminosidade realçava e expunha as cores plenas do lugar, das coisas, das pessoas. Diante disso, mais uma vez pareceu ser imprescindível apresentar um ensaio que contivesse fotografias em cores, justamente para alcançar o objetivo de remeter às sensações físicas das experiências. Ou ainda, que as imagens contivessem essas impressões que considero serem necessárias à análise. Fotografar em cor pareceu ser a opção mais pertinente tendo em vista a dimensão sensitiva da descrição, assim como as temáticas que emergiam do campo, da minha experiência em Acupe, e que acabaram por dar forma ao ensaio como um todo. Para tanto, o tratamento das imagens prezou por transpassar a alta temperatura do lugar, em todo seu brilho e vibração, saturando cores e aumentando contrastes e claridades. Outros recursos de tratamento de imagem foram acionados, como realce, luminância, alterações em claros e escuros, sombras, pretos e luz de preenchimento.

Trata-se, então, das “longas tardes” de captura de imagens e reflexões construídas nesses anos de pesquisa pessoal, íntima e subjetiva, mas também acadêmica e formal. Hoje a história não vai ser contada no corpo e no movimento visto *in locu*, tampouco em forma de música. Recorro às imagens para descrever uma experiência transformadora para mim.

Viver em Acupe junto às crianças gerou impactos e elaborações subjetivas que afetaram a intimidade de meu ser, despertando em minha imaginação outros modos de contar histórias, outras concepções de beleza e de estética. Indo além, sensibilizou meu modo de ser no mundo. Tudo foi afetado, e o empreendimento etnográfico fez brotar reflexões sobre minha condição racial e social dentro daquele contexto e até mesmo fora dele. Não houve um “tornar-se nativo” como experimentado por Favret-Saada (2005), mas houve um processo de (auto) conhecimento muito intenso.

LONGA TARDE EM ACUPE

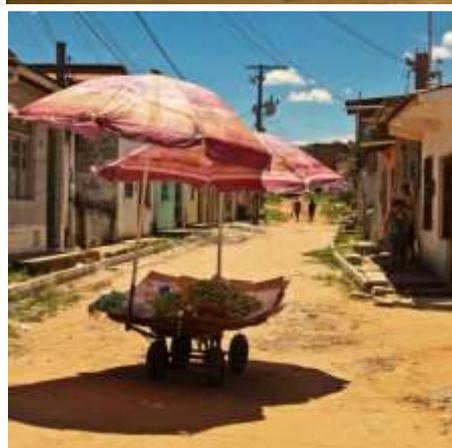
Ruas, casas, porto, mangue, mar. Artesanalmente misturo foto-frames que descrevem Acupe a partir do que a etnografia revelou. A proposta é seguir o trajeto de movimentos imprevisíveis a partir da terra, atravessar o mangue, o estuário do rio e alcançar a boca de águas calmas da Baía de Todos os Santos, o mar.

Mosaico 1



Mosaico 1. Engenhos de açúcar, quilombos, samba de roda. Acupe é fruto de um percurso de longa caminhada histórica. Fazem parte do território a sede do distrito, zona rural e outros vilarejos menores, como Itapema e Campinhos. Uma pequena caminhada pelo espaço evidencia que a comunidade vive da pesca artesanal, extrativismo mineral e agricultura.

Mosaico 2



Mosaico 2. A população negra é predominante, e o cotidiano também é vivido pelas muitas vielas e becos que compõem o colorido cenário da comunidade.

Mosaico 3



Mosaico 3. O porto de Acupe tem importância na vida dos habitantes. É lugar de encontros marcados por deslocamentos e permanências, compra e venda, chegadas e partidas, presença e ausência

Mosaico 4

Mosaico 4. O Porto de Acupe é um todo de partes. Porto de Cima, Porto de Baixo e Porto do Meio. À medida que vai amanhecendo, seja maré cheia ou vazia, as crianças vão circulando pelo espaço. Elas acompanham familiares e amigos na atividade econômica, realizam práticas lúdicas, compartilham o lugar e se apropriam dele.



Mosaico 5



Mosaico 5. Juntos, adultos e crianças se lançam rio adentro para catar mariscos. As crianças que ainda não contribuem catando marisco no manguezal, ajudam realizando algumas outras atividades como tirar água da canoa ou segurar baldes e sacos. Tudo com muitas histórias e brincadeiras, risos e birras, a seguir os passos de seus pais, avôs, tataravôs.

Mosaico 6



Mosaico 6. O diálogo entre terra, mangue e mar fazem da costa pela qual se estende o rio Açú, que desemboca na Baía de Todos os Santos, cenário de muitas relações. O mangue é importante na produção de cultura material e imaterial. Lá, os moradores de Acupe mantêm interações tão antigas e complexas quanto o ambiente em que vivem.

LONGA TARDE DA CRIANÇA

Ao perseguir os rastros das crianças em Acupe, identifiquei que, no interím entre estar na escola e em casa, há um número imenso de atividades e aventuras que acontecem em diversos âmbitos. É pelas ruas, ou melhor, nos ambientes externos da comunidade, que as crianças de Acupe passam o maior tempo de seus dias. Esses ambientes também representam uma noção de casa e intimidade. A seguir, imagens de longas tardes de brincadeiras e outras atividades lúdicas, domésticas e econômicas das crianças; assim como suas caminhadas solitárias e silenciosas, e engajamentos coletivos em atividades em grupos.

Mosaico 7



Mosaico 8



Mosaico 7 e 8. Uma caminhada por Acupe revela as atividades que envolvem relações intergeracionais. Também é possível perceber os limites e fronteiras do espaço que elas ocupam que desafia a dicotomia entre casa e rua. Preparar o alimento e brincar na calçada fazem com que a cidade torne-se um ambiente tão íntimo quando o interior das casas.

Mosaico 9



Mosaico 9 e 10. Ao brincar no mangue, as crianças descortinam no lugar uma atmosfera poética e idílica da possibilidade de infância terna.

Mosaico 10.



Mosaico 11



Mosaico 11. Ajudar nos afazeres domésticos também é um modo das crianças agirem e se colocarem em Acupe. Várias atividades que estimulam a autonomia fazem parte do ser criança local.

Mosaico 12



Mosaico 12. O movimento da maré, o vento e as águas dançantes sugerem sensibilidades e estilos de vida bem singulares. Um olhar mais generoso percebe a intensidade de afetos.

Mosaico 13



Mosaico 13. As mulheres de Acupe são conhecidas pelo pulso forte com que encaram as situações desde crianças. Isso também se expressa nas brincadeiras e jogos.

Mosaico 14



Mosaico 14 e 15. Em Acupe, cada brincadeira tem seu tempo. O modo de brincar se aperfeiçoa na repetição e na permanência delicada na memória e corpo das crianças.

Mosaico 15



Mosaico 16



Mosaico 16. A escola também é um espaço de compartilhamento de experiências e de relações de aprendizagem, tanto na relação entre pares como entre gerações.

Mosaico 17



Mosaico 17. A capoeira pode ser percebida como uma preparação para a vida. As crianças aprendem noções de moralidade coletiva, fortalecimento de tradição, hierarquia, autoproteção e liberdade, construindo também ativamente a si mesmas, suas identidades raciais, de gênero e de classe.

Mosaico 18



Mosaico 19



Mosaico 18 e 19. Malícia e cumplicidade, jogo e arte, aprendizagem da tradição e construção de subjetividades de indivíduos: a capoeira está presente na vida das crianças de Acupe de modo bastante complexo.

Para finalizar, atento para o fato de que as atividades e práticas realizadas pelas crianças não são reproduções do universo adulto. Elas são atores sociais que recriam a sociedade em que vivem a todo o momento. Interpretam e agem ativamente, a seu modo, nas relações e interações. As crianças têm participação ativa na definição de seu papel em diferentes contextos. Tudo em Acupe, e nas relações ali estabelecidas entre o passado, o presente e o futuro, formam a subjetividade e a identidade das crianças, expressando as culturas das infâncias do lugar.

REFERÊNCIAS

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em dezembro de 2012.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

COHN, Clarice. Concepção de infância e infâncias. *Civitas Porto Alegre* v. 13 n. 2 p. 221-244, maio-ago 2013.

COPQUE, Bárbara S. A. **Meninos-Fotógrafos ou a fotografia como fonte de conhecimento etnográfico**. Rio de Janeiro: UERJ/PPCIS il..., 2003. 120p.

CRAVO, Christian. **Christian Cravo**. Cosac Naify: São Paulo, 2009.

EICHENBERGER, Andréa. **Images d'indiens: D'objet a sujet**. La photographie chez les Guarani du Village Yynn Morot/Wherà à Santa Catarina (sud du Brésil). Curitiba/ Paris: UFSC/PPGAS e Université Paris VII, 2011.

ERWITT, Elliott. **Elliott Erwitt**. São Paulo: Cosac Naify. Coleção Photo Poche, 2011.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de campo*, n.13, p.155-161, 2005.

GAMA, Fabiene de Moraes Vasconcelos. **Fotodocumentação e Participação Política: Um estudo comparativo entre o Brasil e o Bangladesh**. Rio de Janeiro/Paris: UFRJ/PPGSA e EHESS, 2012.

INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. *Ponto Urbe* 3, 2008.

MACHADO, Marina Marcondes. Criança é Performer. *E&R Educação e Realidade*. v. 35, n. 2, p. 115-137, maio/ago 2010.

MARQUES, Lucas De Mendonça. **Forjando Orixás**. Técnicas e objetos na ferramentaria de santo da Bahia. (Monografia de Graduação). Departamento de Antropologia. Universidade De Brasília, 2014.. 153p.

MEAD, Margaret. **Coming of Age in Samoa**. A Psychological Study of Primitive Youth of Western Civilization. New York: William Morrow & Company, 1928.

MEAD, Margaret. BATESON, Gregory. **Balinese Character**. A Photographic Analysis, 1942.

PIEIDADE, Acácio. A longa tarde de um fauno. **Ilha**. Revista de Antropologia, vol. II, n. 1-2, jan./fev. 2009, Florianópolis, 2010.

WILSON, Monica. O Parentesco Nyaryusa. In: RADCLIFFE-BRWON, A. R; FORDE, Daryll. **Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1950. P. 149 - 188.

Recebido em 10 de julho de 2017.
Aprovado em 15 de outubro de 2017.